

# Um combatente pela **NATUREZA**



SÍLVIO ANDRADE | DE CORUMBÁ

Depois de quase uma década combatendo corpo a corpo os caçadores de jacarés no Pantanal de Corumbá, à frente da Polícia Florestal que ajudou a criar nos anos 80, o mineiro de Belo Horizonte Ângelo Pachelli Cipriano Rabelo chegou a uma conclusão: a guerrilha na planície não teria fim se não fosse a nova postura ambiental que o País incorporou, com leis mais rigorosas, e o engajamento da sociedade organizada.

O enfrentamento desigual aos contrabandistas de peles – brasileiros, bolivianos e paraguaios –, que tinham melhor armamento e conhecimento da região, e a falta de legislação para colocar os líderes na cadeia, levaram aquele jovem e destemido tenente a refletir quanto a infrutífera troca de tiros e operações à exaustão para proteger o meio ambiente. Ele enxergou o caminho inverso: a educação ambiental.

Ao receber o Prêmio Ford de Conservação Ambiental 2010, no último dia 7, o coronel reformado da PM de Mato Grosso do Sul Ângelo Rabelo, 50, sentiu-se duplamente gratificado. A honraria concedida pela Fundação Ford às pessoas que dedicam a vida às iniciativas em defesa da natureza reconheceu um trabalho de 20 anos, sem farda e tiros, na articulação de uma rede de proteção aos biomas brasileiros.

## Um ecologista

Ao cessar a caça ao jacaré, um dos símbolos da biodiversidade pantaneira, no final dos anos 80, o policial florestal estava determinado e desarmado, mergulhando-se nos livros sobre legislação e ecologia em busca de uma atuação mais inteligente da corporação que envolvesse a sociedade na construção de uma nova consciência ambiental. Nascia, ali, um ecologista a liderar ações conservacionistas, sem abandonar as raízes militares.

“Literalmente um ‘combatente’ pela natureza, o coronel Rabelo teve uma carreira militar inteira de luta pela natureza no Pantanal. No mundo civil, não fez por menos, coordena importantes ações em campo, notadamente para a conservação de amplas áreas de terras privadas, que muito têm contribuído, e seguirão contribuindo, para o sistema nacional de unidades de conservação”, afirma o ambientalista paranaense Miguel Milano.

## Rede de proteção

Ao deixar o comando da Polícia Florestal – hoje Polícia Militar Ambiental –, Rabelo assumiu a diretoria de educação ambiental da secretaria estadual de Meio Ambiente. Foi consultor do Banco Mundial e da Sodepan (Sociedade de Defesa do Pantanal) e gerente de atividade de fiscalização do Programa Nacional de Meio Ambiente Pantanal. Ganhou vários prêmios no Brasil, Europa e Estados Unidos. Em 1996, entrou para a reserva.

Ao retornar a Corumbá, foi secretário municipal de Meio Ambiente e criou a Ong Instituto Homem Pantaneiro (IHP), que hoje coordena o curso de capacitação de policiais ambientais de todo o Brasil, capitaneado por ele desde 1994. Atuando em várias frentes, Rabelo projeta o Museu do Homem Pantaneiro, em um casarão centenário do porto da cidade, e atualmente assessora o senador corumbaense Delcídio do Amaral (PT).

## Mais diálogo

Dentre seus feitos, destaca-se também a articulação de uma rede compartilhada para proteção e monitoramento da Serra do Amolar, no coração do Pantanal, unindo segundo e terceiro setores na conservação de um corredor ecológico de 272 mil hectares. Fruto de sua ideia de criar uma plataforma do diálogo, que reuniu na mesma mesa ONGs, empresários e governo para discutir o desenvolvimento sustentável.

“Não é o ideal, mas o possível. E pode virar um modelo para avaliar e prevenir eventuais estragos ao meio ambiente de qualquer polo de desenvolvimento. Se a proposta deixar o chão e ajudar a conservar o Pantanal, o País vai ter muito o que agradecer a um oficial aposentado da Polícia Militar de Mato Grosso do Sul, o coronel Ângelo Rabelo”, escreveu o jornalista Manoel Francisco de Brito, do site O Eco.

## Proativo

Ângelo Rabelo ganhou a patente de tenente-coronel, no final dos anos 90, por ato de heroísmo, reconhecido pelo Estado. Na boca da noite do dia 3 de dezembro de 1983, ele foi gravemente ferido no ombro durante combate contra 14 coureiros no Pantanal do Nabileque, fronteira com o Paraguai. Seu “piloteiro”, o fiscal ambiental Valfrido Queiroz, tombou com um tiro na testa. O balanço do barco o teria salvo.

Depois de uma dezena de cirurgias e sequelas que não o impediram de se superar nos testes de aptidão física para cursos de promoção, enquanto muitos o encorajavam a abandonar a farda, o ex-combatente entendeu que o confronto armado não tinha sentido. De lá para cá, tornou-se em lobista verde. Nesta entrevista, Rabelo cobra maior participação do empresariado na construção de um mundo com mais qualidade de vida.



Coronel Ângelo Rabelo, 50, recebe o Prêmio de Conservação Ambiental 2010 por dedicação a iniciativas de proteção à natureza

“Encontramos um cenários hostil, de grandes dimensões dominado por uma guerrilha sem escrúpulos, disposta a tudo para assegurar a produção de couros e tráfico de pássaros, a exemplo das araras-azuis. A lei definia a caça como contravenção, o que não amedrontava os caçadores.”

### Como o senhor vê hoje o futuro do Pantanal? É possível produzir conservando?

O desenvolvimento traz um preço relativamente caro para o meio ambiente. As perdas são inevitáveis e alguns processos naturais, quando da implantação de algum empreendimento, são alterados de forma irreversível, mesmo com todos os cuidados no licenciamento. No caso do Pantanal, a história exemplar escrita pelos homens pantaneiros de conservação esta sendo modificada, diariamente, pelas ações antrópicas na parte externa, especialmente no Mato Grosso, onde as cabeceiras dos principais rios foram transformadas em grandes lavoura de soja, colocando em risco o futuro do nosso bioma. Os processos de diálogo, a exemplo da Plataforma de Corumbá, é um belo exemplo de oportunidade de equilibrar os interesses. As empresas precisam ter um papel mais proativos para consolidar esta conquista.

### Qual a maior dificuldade para evitar a extinção dos jacarés do Pantanal, a falta de leis e de conhecimento da região ou a ação dos coureiros?

Encontramos um cenários hostil, de grandes dimensões dominado por uma guerrilha sem escrúpulos, disposta a tudo para assegurar a produção de couros e tráfico de pássaros, a exemplo das araras-azuis. A lei definia a caça como contravenção, o que não amedrontava os caçadores. Acredito que a falta de domínio do terreno representou o maior desafio. Como diz Manoel de Barros, no Pantanal ninguém pode passar régua.

### O Alerta Pantanal, que mobilizou fazendeiros e a sociedade, foi o primeiro levante em favor do meio ambiente?

Na verdade, a primeira ação foi a criação da Sodepan pelos pantaneiros que colocaram aviões, carros, tudo que podiam como força política para nos ajudar. Os movimentos que se sucederam chamaram a atenção do Brasil e do governo brasileiro, que estava ausente no processo, e resultou nas operações Pantanal I e II e recursos para a Polícia Militar.

### Que reflexão faz hoje daqueles tempos e a lição que ficou?

A época exigiu ação repressiva. Não tínhamos opção. A capacidade de superação imposta aos soldados para o enfrentamento das adversidades do ambiente e a proximidade com a morte marcaram a todos nós. Quando, após 10 anos de confronto, controlamos a situação no início dos anos 90, percebemos que era necessário entender de fato qual era o nosso papel no Pantanal. Descobrimos que não conhe-

cíamos o bioma e que as armas já não se faziam tão necessárias. Passamos a atuar de forma preventiva, em parceria com a pesquisa e de forma ativa na educação. O resultado deste processo se tornou modelo, criando o programa de treinamento para oficiais, hoje em sua décima edição.

### O Prêmio Ford coroou sua trajetória. Sensação do dever cumprido?

A natureza é sedutora e a descoberta diária de belezas nos motivam a ser um conservacionista. O prêmio com certeza deve ser compartilhado com todos os soldados que tive a honra de comandar e vencer, superando inúmeros desafios, uma das mais importantes batalhas da conservação que com certeza interrompeu uma história de destruição. Estes homens da Polícia Militar, a sua maioria já na reserva, são heróis sem medalhas.

### Quais os próximos passos para consolidar os projetos do IHP e seus parceiros para tornar o Pantanal um corredor ecológico?

Estamos consolidando, com apoio da iniciativa privada, uma conquista importante na proteção de algumas áreas consideradas estratégicas para o País pela sua megadiversidade. O grande desafio neste momento é minimizar os processos que ameaçam o Pantanal. Somente uma grande rede de aliados, como pesquisadores, estudantes, políticos, órgãos públicos, pode assegurar a conquista deste objetivo.

